



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



31

Discurso na cerimônia de inauguração do trecho sul do gasoduto Bolívia–Brasil

31 DE MARÇO DE 2000

Senhor Governador do Estado de Santa Catarina, meu companheiro e amigo Esperidião Amin; Senhor Ministro de Estado de Minas e Energia, Doutor Rodolpho Tourinho; Senhores Senadores, também companheiros de Senado, e amigos Jorge Bornhausen e Cacildo Maldaner; Senhores Parlamentares que aqui estão, para nossa alegria: Senhor Presidente da Petrobras, Henri Philippe Reichstul; Senhora Prefeita de Florianópolis, Ângela Amin; Senhor Prefeito de Biguaçu, Arlindo Correia; Senhoras e Senhores,

Permito-me iniciar este discurso fazendo uma referência pessoal. Alguns aqui sabem, mas poucos podem avaliar o que significa, pessoalmente, para mim, estar aqui hoje, podendo inaugurar este gasoduto.

Aqui há uma pessoa, o Doutor Quintela, que está sentado na plateia, que me escreveu uma carta, recentemente, que muito me comoveu. Até a mencionei hoje, na viagem de avião para Florianópolis. Nessa carta, ele recordava alguns momentos que constituíram a possibilidade de nós estarmos mudando a matriz energética do Brasil.

Eu era ministro das Relações Exteriores quando, um dia, recebi a visita do Presidente da Petrobras de então, Doutor Joel Rennó, que veio acompanhado de um empresário. Perguntei quanto importávamos de petróleo, de óleo da Argentina. Na época, discutia-se a questão das dificuldades de importação do Irã. Antes mesmo do Iraque. Eles me disseram que era zero. Perguntei quanto da Venezuela. Era por aí. Pareceu-me estranho que o Brasil não estabelecesse relações mais estáveis com seus vizinhos. E embora não fosse da minha alçada porque era ministro de Relações Exteriores, insisti para que as coisas mudassem. E as coisas mudaram.

Hoje, da Argentina, importamos uma apreciável quantidade de óleo, que deve corresponder, grosso modo, a 1 bilhão de dólares por ano. Da Venezuela, cerca de 600 milhões de dólares. Era óbvio que o Brasil tinha que se entender economicamente, assim como politicamente, com a sua circunstância geográfica.

Naturalmente, não no sentido de nos isolarmos no Mercosul ou na América do Sul do resto do continente americano, nem tampouco da Europa, do Oriente Médio, da Ásia, de onde seja. Mas havia que se ter uma visão mais dinâmica das possibilidades da nossa própria região. Paulatinamente, fomos mudando a matriz energética do Brasil na direção de uma integração regional. Já mais tarde, assisti na Bolívia, ao primeiro acordo que permitiu a construção deste gásoduto. Não entrarei em detalhes. Também ainda Ministro das Relações Exteriores, fui forçado a ter uma atitude bastante enérgica para que pudéssemos fazer o acordo com a Bolívia.

Na época, não faltavam os que diziam que não havia gás na Bolívia. Hoje, os dados que o ministro Tourinho acaba de mostrar, de mencionar, mostram não só que o Brasil tem gás, e muito, mas que a Bolívia tem mais gás que o Brasil e que uma parte do gás da Bolívia foi descoberto pela Petrobras, recentemente.

A visão estreita, mesquinha e péquenininha dos que não vêem um Brasil com capacidade de se integrar no mundo, de lutar no mundo, de competir, de vencer, nos levava a atitudes incompreensíveis, até de negação das evidências. Não há gás na Bolívia, não se pode fazer o

gasoduto. Para que comprar petróleo da Argentina, se nós podemos ser auto-suficientes ou comprar de gente distante que não nos vai guerrear? Como se, algum dia, a Argentina nos fosse guerrear.

Isso tudo mudou. Mudou em muito pouco tempo, em muito poucos anos. Era 1993, nós estamos no ano 2000 – aquilo que era um projeto, e levou muito tempo para que se pudesse acertar a forma empresarial de concretizá-lo, acabou tendo forma e, hoje, estamos aqui. Hoje, o gás da Bolívia percorre mais de 3 mil quilômetros e chega ao Rio Grande do Sul, passando por São Paulo. Vai beneficiar Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, passa por São Paulo, Paraná, Santa Catarina e vai ao Rio Grande do Sul.

Para fazer isso, mudamos a concepção da Petrobras. Estou na Petrobras e me orgulho de dizer que perdi uma cátedra, fui preso, fui processado porque defendia o petróleo que era nosso. Por isso, porque tenho autoridade moral e pessoal para dizer isso, fiz também com que os dirigentes da Petrobras se convencessem de que era preciso flexibilizar o monopólio do petróleo. Resultado: temos uma Petrobras, hoje, mais próspera do que nunca, mais capaz do que nunca para engrandecer o Brasil. Para engrandecer o Brasil e não apenas a burocracia, aqueles que tinham uma visão antiquada do que era o mundo, do que é o Brasil. Mudou. A Petrobras, hoje, é uma das maiores empresas de petróleo, de energia – disse, aqui, o Ministro e ele tem razão na correção – do mundo, e vai continuar sendo, porque tem capacidade para isso. Associou-se a outras empresas, ampliou a sua capacidade e, hoje, não é apenas o esteio do petróleo, mas do gás também e nós estamos entrando nas termoelétricas.

O Ministro Rodolfo Tourinho mencionou este programa, que é um dos mais ambiciosos que já foram feitos no Brasil, que é o da termoeleticidade. Lançamos, em fevereiro, um programa de 49 usinas termoelétricas. Tenho repetido isto porque é verdade. No momento de dizer ao país que íamos fazer 49, eu mesmo fiquei na dúvida. Será possível? Isso equivale a quase uma nova Itaipu e tem que ser feito em três anos. Tem que ser feito em três anos, como, aqui, fizemos com rapidez o gasoduto e já estamos discutindo um segundo gasoduto,

porque o Brasil tem fome de energia, porque tem fome de crescimento, para ter emprego e prosperidade para esse povo.

Crescimento, emprego e prosperidade, no mundo de hoje, não é possível criar se não houver uma compreensão, uma visão de futuro, uma compreensão do mundo, uma capacidade de tomar decisão, uma determinação, a manutenção da direção que foi determinada e entender que o futuro depende das ações que pratiquemos hoje. E essas ações têm que ser praticadas a despeito das incompreensões, a despeito daqueles que com boa ou má-fé puxam o País para o atraso e fazem o tempo todo *slogans* ou tentam mostrar que o País está cada vez pior, quando ele está cada vez melhor.

Isso é uma realidade, uma realidade claríssima para o povo brasileiro. Uma realidade absolutamente tranquila. E essa realidade tranquila, hoje e crescentemente, se manifesta a despeito das incompreensões. Vamos continuar avançando nesse rumo. Tenho certeza de que nós vamos continuar avançando nesse rumo, assim como disse, e o disse com muita tranquilidade, o que tem sido feito na matriz energética, onde se antevê uma taxa de crescimento da economia brasileira que, não tenham dúvidas, este ano terá como piso 4%. Piso de crescimento, porque precisamos crescer mais para então, sim, poder ter mais empregos, para então, sim, poder ter melhores salários, para então, sim, não fazermos demagogia, criando a ilusão de que estamos dando salário, quando estamos tirando, via inflação, com a outra mão, ou via taxas de juros altas, aquilo que se “pseudamente” dá, num dado momento. É preciso ter noção da realidade, é preciso ter coragem, tranquilidade, firmeza e manter o rumo do país, que é o que estamos fazendo.

Por isso, há muitos anos e com muito sacrifício estamos na frente deste país. E estamos, realmente, transformando este país. Estamos, realmente, criando condições para um país mais maduro, mais competente, melhor para os seus filhos.

Posso dizer ao Governador de Santa Catarina que a estrada que prometi, a BR-101 – assinei lá, na beira da estrada, uma petição para que ela existisse –, hoje me deu satisfação de ver que as obras continuam.

Garanto àqueles que moram lá no Sul, que ela vai chegar ao Sul, sim. E aqui está o relator do PPA, que nos ajudou muito e que mostrou que é possível chegar esta estrada até ao Sul, e ela vai chegar até Osório, no Rio Grande do Sul. Vamos fazer uma grande avenida de mão dupla, de Belo Horizonte até as fronteiras do Brasil. E, amanhã, vamos ter essa integração com o Uruguai, com a Argentina.

Não vamos nos esquecer das demais estradas como, aqui, em Santa Catarina, que vão nos levar aos altiplanos, a Lages, a Chapecó e que precisam, também, de uma atenção toda especial do governo estadual e do Governo Federal.

Faremos isso, e se assinei, agora, como acabo de assinar, um documento que dá condições para a exploração do carvão mineral, na produção de gás, aqui em Santa Catarina, podem ter certeza de que este documento vai virar realidade. Assim como a BR-101, hoje, é realidade, como este gasoduto, hoje, é realidade, a realidade se constrói no dia-a-dia, num trabalho, muitas vezes, obscuro dos deputados, dos engenheiros, dos que projetam, dos trabalhadores, dos que financiam, e acabam se constituindo as condições para que ocorra aquilo que é preciso ocorrer. Aqui, vai existir o aproveitamento do carvão e vamos pagar a dívida que temos com Santa Catarina, porque lavramos a céu aberto. Conheço a região de Criciúma e vi o desastre ecológico que lá existe e que vai ter que acabar.

Também posso dizer aos senhores que sei da importância do turismo na região de Santa Catarina. Sei da necessidade da ampliação do aeroporto. Sei também que, se não houver saneamento básico, há limitações para o turismo. Estamos nos empenhando para dar uma possibilidade de saída para o Prodetur, de tal maneira que possamos ter continuidade nas ações saneadoras.

Eu não queria, hoje que estou aqui, em Santa Catarina, dizendo que estamos mostrando, que estamos fazendo, com tranquilidade, deixar também de dizer uma palavra sobre algo que foi mencionado pelo Governador Esperidião Amin: Santa Catarina é um estado da pequena propriedade. É um estado da pequena e da média indústria. É um estado que, com a pequena propriedade e com a pequena e média indústrias, foi capaz de gerar excedentes de exportação.

Pois bem, ontem – também foi um catarinense que foi o relator da matéria no Congresso Nacional – aprovamos um projeto que é uma espécie de alforria para as empresas brasileiras, que é o chamado Refis, que faz com que as empresas possam, efetivamente, ajustar suas contas com o Fisco de uma maneira que não seja persecutória, de uma maneira que dê a elas um horizonte de pagamento e que o pagamento não esteja vinculado a prazos curtos, mas seja vinculado àquilo que é fundamental, que é a capacidade efetiva que tem a empresa para ajustar suas contas. Qualquer que seja esse montante, a União, através da Receita Federal, vai negociar com essas empresas de tal maneira que elas tenham a capacidade de se livrar do Cadin, de voltar a ser adimplentes e de poder participar com mais energia dessa nova fase do Brasil, que é uma fase de crescimento econômico.

E não só isso, não apenas essa medida que foi aprovada pela Câmara, mas o relator, que aqui está presente entre nós, Deputado Gervásio Silva, teve a sensibilidade de colocar no seu parecer um pedido meu, para que fizesse com que, também, os bancos tivessem uma condição mais favorável para que as empresas possam negociar com eles as suas dívidas no setor privado.

Estamos preparando as empresas para que se libertem das teias das dívidas, para que possam continuar crescendo pelo Brasil. E isso é para a pequena e a média empresa e não para a grande empresa.

Vejo, portanto, que estamos no limiar de um novo momento da vida brasileira. E quero terminar lhes dizendo que se muito nos custou redemocratizar o Brasil – e digo sem jactância, com tranquilidade, mas paguei um preço por isso –, se temos hoje este clima de liberdade inexcedível, dificilmente em outro momento da História tivemos tanta liberdade de expressão, de organização, de partidos, de mídia, de manifestação, de participação. Se, hoje, portanto, temos a democracia como um valor, se tudo que acontece aqui passa por uma negociação enorme com o Congresso Nacional, com os sindicatos, com as empresas, com toda gente, com as igrejas.

Se hoje esse clima está assegurado, muito nos custou estabilizar a nossa moeda – não é o momento de repetir o quanto custou. Mas

ainda o ano passado, e também o disse o Governador, quase soçobramos. Só não soçobramos porque o governo teve determinação, tranquilidade e a sociedade teve compreensão e continuou trabalhando. Hoje, vê-se que a inflação, de novo, foi domada. Domar a inflação, uma vez, é muito difícil. A segunda é mais difícil ainda porque, na segunda, ela pode vir com um ímpeto destrutivo. Não conseguiu. Porque a sociedade brasileira, graças à democracia, entendeu a necessidade da estabilização, não como imposição de quem quer que seja, não como uma mania de alguns setores de economistas, mas como uma necessidade para que possa haver investimentos, e para que o salário possa existir sem ser corroído pelo mal maior que é a inflação.

Democracia, estabilidade econômica, reforma do Estado. Com o apoio do Congresso Nacional, desencadeamos várias reformas. Algunas avançaram mais, outras menos, mas ninguém tenha dúvida de que o Brasil de hoje é muito diferente do Brasil de há dez anos em termos institucionais, em termos do seu marco jurídico, em termos do modo pelo qual o Estado se organiza para atender aos consumidores, no qual as agências regulamentadoras lidam com as empresas para evitar abusos, no qual há defesa do consumidor e no qual, havendo investimento privado, não deixa de existir a ação pública, porque o Estado é essencial para garantir o equilíbrio das forças sociais, para garantir a defesa do consumidor. E o Estado, no mundo atual, é cada vez menos investidor direto, é cada vez mais responsável pelos direitos do cidadão, pelos direitos sociais, com consciência da responsabilidade e também dos objetivos, das necessidades que existem no país para manter o seu crescimento.

Reformamos o Estado, estamos reformando este Estado. Chegou a hora de colher os frutos. Daqui por diante, é desenvolvimento, bem-estar e prosperidade, que não se fazem com palavras, mas com ações como esta de hoje, aqui. Daqui por diante, é um conjunto de ações para garantir a sinergia que vai permitir que este país retorne às taxas de crescimento necessárias para que ele possa absorver a sua população, a sua mão-de-obra.

Na próxima segunda-feira, vou anunciar ao país a criação de um conjunto de instituições essenciais para dinamizar o desenvolvimen-

to científico e tecnológico. Haverá recursos de agora em diante, e para os próximos anos, como jamais houve na História do Brasil, porque impusemos aos setores privatizados taxas específicas para que eles possam financiar o desenvolvimento do saber nacional, do conhecimento nacional. Isso é importante porque, no futuro, os países e os povos vão estar divididos entre os que sabem e os que são ignorantes, os que têm competência e os que usam a voz só para gritar, os que sabem calcular, os que usam os computadores ou aqueles que mal e mal arranham seus nomes para fazer de conta que não são analfabetos.

Não podemos deixar que nossa população fique à margem dessas transformações. Temos que jogar fundo no desenvolvimento científico e tecnológico. E isso aqui é o exemplo dos resultados de uma empresa que absorveu o conhecimento científico e tecnológico, que hoje está na vanguarda, porque tem a primazia na pesquisa de petróleo em águas profundas, porque, a despeito de um ou outro incidente, e basta olhar aqui em torno para ver, respeita o meio ambiente. Porque sabe que, sem conhecimento, sem tecnologia, sem respeito ao meio ambiente, sem participação cidadã, sem democracia, sem rumo certo, o país não vai para a frente.

Termino lhes dizendo que, se Santa Catarina é um exemplo – e é – para Brasil pelo que tem feito, se os seus representantes que aqui estão têm honrado o Estado na defesa dos interesses do Estado, se o seu Governador é um homem, não apenas competente, mas com essa capacidade, essa loquacidade, que dá inveja a qualquer um, e transforma qualquer discurso que faça numa peça, não diria de oratória, porque é antiga, mas numa peça de gozo intelectual pela imaginação que tem, pela capacidade que tem de, rapidamente, sintetizar aquilo que está de mais profundo no coração das pessoas. Santa Catarina tem tudo isso. Santa Catarina, realmente, é um exemplo para o Brasil. Posso lhes dizer: o Brasil não vai faltar com Santa Catarina. O Presidente Fernando Henrique ama Santa Catarina e fará o possível e o impossível para levar adiante as transformações que já foram mencionadas.